6 Conclusão

Depois de vários anos me aproximando de um tema, definindo um problema, submetendo alguns esboços a bancas examinadoras e discutindo os passos com a orientadora, procurei reunir o estudo neste relatório. O relatório nem sempre reflete plenamente a pesquisa. Vários investimentos feitos acabam não sendo aproveitados, seja por não se encaixarem no foco escolhido, seja porque são resultado de intervenções que extrapolam a pesquisa.

Durante a caminhada, alertado várias vezes, procurei esforçar-me para estranhar as situações estudadas. Trabalho com formação continuada de professores da escola básica. Preservar certo distanciamento entre minha função profissional e a de pesquisador foi um grande aprendizado. Consegui garantir esta isenção com os entrevistados, com os quais nunca trabalhei. Apenas dois eram conhecidos: a professora de História, cuja entrevista serviu de teste, e o professor de Geografia. A professora participava do mesmo grupo de pesquisa e tínhamos em comum, ainda, a mesma orientadora. O professor de Geografia era um conhecido de longa data. Fomos aprovados no mesmo concurso público. Há 20 anos não nos víamos. A proximidade com os dois, no entanto, foi fundamental para o andamento da pesquisa. A liberdade que tive de testar o roteiro da entrevista foi maior pela proximidade que a professora de História tinha com a metodologia e minhas próprias questões. O reencontro com o professor de Geografia facilitou o acompanhamento de suas aulas por uma semana, atividade que foi determinante para a seleção e interpretação dos dados construídos a partir das entrevistas.

Vários autores serviram de base metodológica para a pesquisa. Contudo, Mills (1965) era aquele a quem mais recorria nas dúvidas. Ao final do seu texto, ele resume as orientações metodológicas em oito preceitos ou avisos. Acredito que segui as suas orientações, pois: 1) procurei ser um bom artesão, fazendo resenhas da literatura, agrupando as questões e manipulando as transcrições das entrevistas à exaustão; 2) procurei escrever de forma simples e didática, sem perder o rigor acadêmico, evitando grande esforço do leitor para se situar no

desdobramento das idéias; 3) esforcei-me para contextualizar as questões, pensando em alguém que poderá ler o texto em momentos históricos bem diferentes, mas sem me perder em descrições pormenorizadas; 4) tentei trazer para as análises não apenas as condições particulares dos professores itinerantes, mas também as estruturas sociais com as quais eles interagem; 5) acho que consegui superar a especialização arbitrária de departamentos acadêmicos, como sugere o autor, quando procurei trazer a perspectiva da psicodinâmica do trabalho e a visão marxista de seus sentidos para minhas análises; 6) mantive sempre os olhos abertos para a natureza humana e tentei visualizar a imagem histórica dos professores que estudei; 7) incorporei os sentidos de minha própria época ao relatório produzido; e 8) procurei abordar uma questão que é crucial para o meu próprio desenvolvimento profissional, como pessoalmente o vejo, mesmo que em alguns momentos possa parecer contrário às idéias vigentes ou obsoleto em algumas questões.

As orientações do autor ultrapassam a síntese que propõe ao final. Fazer a checagem, no entanto, mostra o quanto minha própria iniciação à pesquisa vem carregada de suas influências. Como artesanato intelectual, a pesquisa exigiu grande trabalho braçal. Em determinados momentos, avançado na pesquisa de campo, parecia que não encontraria nada do que esperava. Ler e reler as entrevistas, ensaiando categorizações que logo depois se mostravam inadequadas, foi um trabalho tão árduo quanto determinante para os achados. Foi preciso, no entanto, fazer a experiência com um professor taxista durante uma semana para que começasse e construir os dados com alguma lógica. De uma posição secundária, pois foi pensada inicialmente como apenas mais um recurso, o acompanhamento do professor durante uma semana foi a experiência pessoal que precisava para fazer as conexões entre os vários depoimentos.

Recentemente, minha orientadora colocou-me em contato com critérios, de outra autora, que ajudam a avaliar pesquisas (Oakley: 2007). A orientação que venho recebendo ao longo da pesquisa e a participação no GEProf tornam os critérios da autora bastante familiares. Por isso, o confronto deste relatório com o que ela considera importante numa pesquisa deixa-me confortável, pois avalio que: a) coloquei claramente as metas e objetivos do trabalho; b) tentei fazer uma descrição detalhada do contexto que me levou a pesquisar o assunto e como cheguei ao problema; c) procurei incluir suficientes falas dos professores, de

forma a garantir que o leitor pudesse perceber as evidências que me levaram a interpretar desta ou daquela forma algumas questões; d) fiz uma revisão bibliográfica, procurando montar um quadro teórico que mostrasse a produção científica sobre as escolas e sobre o trabalho dos professores sob a perspectiva da profissão docente; e) busquei manter o vínculo entre o meu pensamento e a realidade estudada com descrições claras de exemplos concretos, permitindo que o leitor percebesse o meu ponto de vista; f) também descrevi detalhadamente a metodologia e sistemática de coleta de informações; e g) a pesquisa teve o acompanhamento da orientadora, com quem foi possível discutir as interpretações que ensaiava diante dos resultados obtidos.

Agora o grupo de avaliadores é ampliado para o exame definitivo. Mais do que a defesa de um ou outro ponto de vista sobre o trabalho de professores itinerantes, espero que os examinadores me ajudem a garantir a cientificidade da pesquisa que realizei. As idéias sobre o trabalho docente não são definitivas. Só a garantia de que estou me fazendo pesquisador poderá assegurar que eu consiga perceber as mudanças futuras.